



Só para circulação interna

“TAREFAS PARA OS HOMENS”

- Participação positiva dos pais
- Assumir a responsabilidade de pôr fim às práticas prejudiciais às mulheres e às meninas e a todas as formas de violência contra as mulheres.
 - Redistribuir a carga do trabalho não pago entre homens e mulheres.
 - Retirar-se dos órgãos de decisão nos quais não há representação de mulheres.
 - Revogar todas as disposições discriminatórias e aprovar a legislação que apoia as mulheres.
 - Os empresários devem garantir o empoderamento econômico das mulheres.

Sessão plenária de abertura do 2º Simpósio Mundial da MenEngage na qual eminentes expositores de todas as partes do mundo deram uma perspectiva geral sobre onde estamos no que diz respeito à participação dos homens na promoção da igualdade de gênero. A sessão assentou as bases para o simpósio realizado em Nova Deli entre 10 e 13 de novembro de 2014, com 1.200 participantes de 95 países. “A meu ver, é um evento que vai mudar o jogo” afirmou Phumzile Mlambo-Ngcuka da ONU Mulheres “dado o número de pessoas reunidas aqui, os países que eles representam e as sementes que espero que vão ser plantadas no mundo inteiro”

LEVANDO OS HOMENS À MESA DE NEGOCIAÇÕES: CONQUISTAS E DESAFIOS

Colocando em primeiro plano o contexto global em que se está promovendo a participação de homens **Phumzile Mlambo-Ngcuka, Diretora Executiva da, ONU Mulheres**, observou que a igualdade de gênero é o principal instrumento para melhorar a saúde, a educação, a paz e o bem-estar econômico, como previsto na Agenda para o Desenvolvimento. Em todo o mundo a igualdade de gênero é uma pré-condição para se alcançar melhores índices de desenvolvimento, deixando pouco espaço para dúvidas quanto aos benefícios de se envolver homens e meninas no fim dos estereótipos que limitam a todos. Mesmo assim, a violência contra as mulheres sempre esteve amplamente presente e tolerada, fazendo que fosse um desafio superar esta forma mais desumanizante da discriminação.



Sugerindo que pode-se aproveitar as normas sociais e culturais como influências positivas, Mlambo-Ngcuka exortou, “**A igualdade de gênero é uma iniciativa transformadora que exige que os homens renunciem aos privilégios do patriarcado e que questionem as dinâmicas de poder.**” Ela sugeriu algumas tarefas aos homens que queiram começar a se comprometer. (Veja a página de rosto 'Tarefas para os Homens').

ENFRENTANDO A REALIDADE

Celebrando os sucessos obtidos pelos homens no domínio da igualdade de gênero e refletindo sobre o interesse que gerou o tema, assim como as políticas e abordagens programáticas desenvolvidas pela organização, Gary Barker do Promundo e da Aliança MenEngage, atenuou essas conquistas com uma análise sóbria da realidade.

Ele apresentou um fiel reflexo da situação atual do patriarcado, compartilhando os resultados de um estudo multinacional sobre as atitudes equitativas dos homens em questões de gênero o

que serviu para mostrar o longo caminho que nos resta por diante. Embora recentemente tenha havido uma mudança nas atitudes dos homens e vê-se que alguns homens reconhecem de maneira consistente a noção da igualdade de gênero, ainda não se registrou uma redução na violência contra as mulheres. O fator influente mais importante foi que os homens que perpetravam a violência de gênero sofreram eles mesmos múltiplas formas da violência. Disse Barker: “**Não estamos apresentando desculpas para defender os homens e os meninos. Mas os atos de violência contra os corpos dos meninos retornam na forma da violência exercida contra os corpos das mulheres e meninas**”.



REFLETINDO SOBRE A VIDA DOS HOMENS

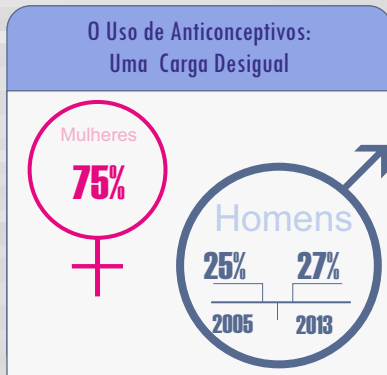
A boa notícia, no entanto, disse ele, foi que surgiram muitas idéias sobre o que funciona para produzir uma mudança positiva. Por exemplo, para avançarmos em matéria da igualdade é necessário refletir sobre a vulnerabilidade dos homens, como os elevados índices de mortes por conta de conflitos, incluindo os homicídios e suicídios. Um grande desafio para os homens é a pobreza e o desemprego, devido à instabilidade econômica. Foi observado que os países com baixas taxas de homicídio entre os homens tinham baixos níveis da desigualdade social em geral. Assim, ao encaixar as peças, Barker opinou que um estado de bem-estar, com bons programas de saúde, justiça e serviços sociais, irá inspirar as mudanças requeridas para atingir a igualdade de gênero.

Ele advertiu particularmente aos ativistas que não deveriam pensar: “**Estamos trabalhando para os homens ou para as mulheres? O sucesso na revolução precisa que deixemos de comparar quantos programas existem para os homens e quantos para as mulheres e que tentemos encontrar a humanidade que poderia nos aproximar de uma maior equidade**” declarou Barker.

DOIS "TEMAS DELICADOS"

Barker reforçou a importância de se ter um objetivo de desenvolvimento pós 2015, que possa garantir que os homens compartilhem os trabalhos domésticos e o cuidado da família para permitir que as mulheres tenham acesso ao emprego e à remuneração equitativos.

Outra questão preocupante que ele sublinhou foi a falta de participação dos homens na saúde sexual e reprodutiva (Veja box Uma Carga Desigual). A maior iniciativa do mundo, a FP 20-20 tinha objetivos impressionantes para as mulheres em matéria da anticoncepção e tinha zero objetivos para os homens. **"Isto implica que ambos, os homens e as mulheres sofrem desvantagens"** desaprovou Barker.



CONVERTENDO UM JOGO DE 0 A 0 EM UM JOGO NO QUAL TODOS GANHAM

Então, como podemos incorporar os homens nos debates feministas? **Michael Kimmel, professor na Universidade Estatal da Nova York**, identificou primeiro os obstáculos e, em seguida, apontou as maneiras as quais os homens podem participar. O primeiro obstáculo indicou ele, é a própria palavra "homens" – são as mulheres que tornaram visível o gênero. "Quando digo "gênero" você pensa nas mulheres. A maioria dos homens não sabe que o gênero é igualmente importante para nós e para as mulheres," disse Kimmel **"A maioria dos homens não sabe que gênero é importante. A maioria dos homens nem sabe que tem gênero. O gênero continua a ser invisível aos homens e este é um tema político"**. Assim, primeira estratégia implica tornar visível o gênero para os homens.



O seguinte obstáculo é a palavra "equidade". O conceito de abandonar o poder não encontra ressonância entre os homens já que eles acreditam essencialmente que funcionam em plano de igualdade com as mulheres. Até mesmo, uma pequena inclinação da balança a favor das mulheres provoca a reação: "Esta é uma discriminação inversa!". O senso de titularidade que têm os homens faz-lhes crer que a igualdade de gênero é um

jogo no qual se as mulheres ganham, os homens perdem. A segunda tarefa pois, segundo Kimmel, é transmitir-lhes uma hipótese diferente.

COMO INICIAR A CONVERSA

Podemos envolver os homens na conversa demonstrando-lhes que a igualdade é do seu interesse. Kimmel revelou que a investigação demonstrou que a igualdade de gênero não é um jogo 0 a 0, é de fato um jogo em que todos ganham. Quando os homens partilham o trabalho doméstico e o cuidado das crianças, não só as crianças e as companheiras ficam mais felizes e saudáveis, mas também os próprios homens se tornam mais felizes e saudáveis e têm mais uma motivação: passam a ter mais relações sexuais. "Considero que podemos envolver os homens fazendo-lhes saber que esta conversa tem a ver com eles também" opinou.

Não obstante, advertiu, os homens às vezes invadem o espaço feminista e parecem dizer "Obrigados mulheres, mas a partir daqui nós tomamos a direção. Não é suficiente que os homens entrem neste espaço adotando o papel do protetor e defensor. Eles devem participar pelas razões certas.

A INTERSEÇÃO ENTRE OS DIREITOS DE GÊNERO E OS DIREITOS SEXUAIS

O advogado de Direitos Humanos **Vivek Diwan** sublinhou a necessidade de que as pessoas responsáveis pela formulação das políticas e outras envolvidas no tema tenham um bom entendimento da diversidade sexual e a sua interseção com a classe, cultura, religião e o ambiente político, e tudo isso, ele esperava que estivesse no simpósio. Apesar da legitimação alarmante da opinião majoritária sobre a sexualidade, refletida na defesa da lei contra a sodomia na Índia, Diwan viu esperança na declaração feita pelo Tribunal Supremo recentemente, na qual afirmou os direitos fundamentais das pessoas transgênero.

"O nosso fracasso moral fica na falta de vontade da sociedade em aceitar as diferentes identidades e expressões de gênero, uma atitude que devemos mudar. A verdadeira medida de desenvolvimento de um país não é o crescimento econômico, é a dignidade humana –...O pleno desenvolvimento de uma pessoa implica que ele/ela possa se expressar de diversas formas. O reconhecimento da própria identidade de gênero é o núcleo do direito fundamental à dignidade."





AMPLIANDO O DEBATE

Em resposta à questão levantada pela moderadora da sessão, **Shereen El Feki, uma investigadora de Promundo e escritora**, de que o fundamentalismo religioso formava as idéias sobre as masculinidades e o papel dos homens na sociedade ao mesmo tempo que também decidia a posição das mulheres,

Mlambo-Ngcuka disse que era importante revelar como a religião está sendo usada para promover os interesses dos opressores. As vozes progressistas mais influentes na sociedade devem ser encorajadas, enfatizou ela, para que o argumento em prol da igualdade do gênero esteja incorporado nos níveis de base.

Este documento de síntese também está disponível em **Urdu, Bengali, Inglês, Francês, Espanhol e Hindi**

CONVERSAS SOBRE A 'PERDA DA MINHA FATIA DO BOLO' E 'IDÉIAS INVENTADAS'

O painel de discussão da plenária debateu temas incluindo a resistência por parte de determinados grupos de mulheres e a percepção da propaganda em prol da igualdade como um conceito “de fora”.

El Feki: Algumas organizações de direitos da mulher consideram que a participação dos homens implica uma perda da responsabilidade e protagonismo.

Barker: Mas esta não é uma nova área de intervenção. O feminismo sempre foi sobre trabalhar com homens, não importa se sabíamos disso ou não.

Kimmel: Este medo de “perder minha fatia do bolo” é reciclado em cada nova geração de mulheres feministas ou entre homens irados porque perderam os seus “privilégios”. Isto deve ser levado muito a sério.

Mlambo-Ngcuka: Também devemos ver se estamos envolvendo os homens de formas que são respeitadas os princípios de justiça de gênero. Será que temos uma responsabilidade perante o campo de direitos de mulheres que tornou possível este trabalho?

Kimmel: É um problema se os homens vão entrar neste campo sem ser responsáveis perante o trabalho que têm realizado as mulheres já por muitas décadas. É importante desenvolver estruturas coletivas de prestação de contas.

El Feki: No Sul Global há uma recusa daquelas pessoas que sustentam que a igualdade de gênero, incluindo os direitos das pessoas homossexuais, é uma construção ocidental. Como podemos contextualizar o argumento para demonstrar que não é uma intervenção ‘de fora’ mas que vem das bases?

Barker: Sim, em vários países ouvimos que estas idéias vêm de fora, que são inventadas nas salas de conferência da ONU.

Kimmel: São as vozes locais que devem gerar o marco conceitual mais amplo.

Diwan: Na Índia, o movimento de mulheres defendeu os temas de identidade de gênero, construindo pontes entre as comunidades.

Phumzile: Concordo com você sobre a importância de aproveitar as vozes locais para abordar as questões que são consideradas como uma imposição estrangeira. Dito isto, é igualmente importante defender a universalidade dos direitos para que não abduquemos de apoiar as pessoas em situações difíceis dizendo que o tema é de alcance local. A palavra-chave aqui é ‘solidariedade’.



Para mais detalhes entre em contato com:
CENTRE FOR HEALTH AND SOCIAL JUSTICE
Basement of Young Women's Hostel No. 2, Avenue 21, G Block, Saket, New Delhi – 110017
Website: www.chsj.org, www.menengagedilli2014.net